

O ofício do Professor: experiências pedagógicas no ensino da Sociologia em cursos superiores de Arquitetura e Urbanismo

The Teacher's Profession: Pedagogical Experiences in Teaching Sociology in Architecture and Urbanism in Higher Education degrees

Le métier de l'Enseignant : expériences pédagogiques dans l'enseignement de la Sociologie dans les cours supérieurs d'Architecture et d'Urbanisme

MARIA MANUELA MENDES e TERESA V. SÁ



Edição eletrónica

URL: <https://journals.openedition.org/configuracoes/14422>

ISSN: 2182-7419

Editora

Centro de Investigação em Ciências Sociais

Edição impressa

Paginação: 105-122

ISSN: 1646-5075

Referência eletrónica

MARIA MANUELA MENDES e TERESA V. SÁ, «O ofício do Professor: experiências pedagógicas no ensino da Sociologia em cursos superiores de Arquitetura e Urbanismo», *Configurações* [Online], 28 | 2021, posto online no dia 15 dezembro 2021, consultado o 16 dezembro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/configuracoes/14422>

O ofício do Professor: experiências pedagógicas no ensino da Sociologia em cursos superiores de Arquitetura e Urbanismo

MARIA MANUELA MENDES*

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade de Lisboa e ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa; Centro de Investigação e Estudos de Sociologia

TERESA V. SÁ**

tamento de Ciências Sociais e do Território e Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design da Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa

Resumo

Este artigo dá conta de uma análise sobretudo (auto-)reflexiva tendo por base duas experiências concretas, ainda que ligeiramente distintas, na lecionação de unidades curriculares da área disciplinar da Sociologia nos 3 ciclos de ensino dos cursos de Arquitetura e Urbanismo numa instituição do ensino superior público. A abordagem centra-se não só na identificação das principais dificuldades e tensões, mas também nos desafios que têm marcado estas práticas pedagógicas. São também exploradas algumas possibilidades de cruzamento interdisciplinar no sentido de operacionalizar, e vincar, o papel e a relevância do conhecimento sociológico no ensino, na investigação e na intervenção profissional dos futuros arquitetos e urbanistas.

Palavras-chave: ensino superior; experiência pedagógica, Sociologia, Arquitetura, Urbanismo.

Abstract

The Teacher's Profession: Pedagogical Experiences in Teaching Sociology in Architecture and Urbanism in Higher Education degrees

This article is a predominantly (self) reflexive analysis based on two concrete experiences, although slightly different, in the teaching of curricular units in the disciplinary area of Sociology in the 3 teaching cycles of architecture and urbanism in a public higher education institution. The approach focuses on identifying the main difficulties

*E-mail: mmendes@iscsp.ulisboa.pt | ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-5269-8004>

**E-mail: teresasa@fa.ulisboa.pt | ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3993-9731>

and tensions, but also challenges that have marked these pedagogical practices. Some possibilities of interdisciplinary intersection are also explored, in order to emphasise and materialise the role and relevance of sociological knowledge in teaching, research and in the professional intervention of future architects and urban planners.

Keywords: higher education; pedagogical experience, Sociology, Architecture, Urbanism.

Resumé

Le métier de l'Enseignant : expériences pédagogiques dans l'enseignement de la Sociologie dans les cours supérieurs d'Architecture et d'Urbanisme

Cet article est une analyse majoritairement (auto)réflexive basée sur deux expériences concrètes, mais légèrement différentes dans l'enseignement d'unités d'enseignement dans le domaine disciplinaire de la Sociologie dans les trois cycles d'enseignement de l'architecture et de l'urbanisme dans un établissement public de l'enseignement supérieur. L'approche se centre sur l'identification des principales difficultés et tensions, mais aussi des défis qui ont marqué ces pratiques pédagogiques. Quelques possibilités de croisement interdisciplinaire sont également explorées afin de souligner et de matérialiser le rôle et la pertinence des savoirs sociologiques dans l'enseignement, la recherche et l'intervention professionnelle des futurs architectes et urbanistes.

Mots-clés: enseignement supérieur, expérience pédagogique, Sociologie, architecture, urbanisme.

Considerações preliminares

Tendo em conta a institucionalização avançada da Sociologia (Machado, 2020), sobretudo no ensino e na investigação, apresentamos uma análise (auto-)reflexiva a partir de duas experiências concretas de lecionação de unidades curriculares (UC) da área disciplinar da Sociologia ao 1º, 2º e 3º ciclos de Arquitetura e Urbanismo no contexto do ensino superior público português, mais concretamente na FAUL (Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa), centrada nas tensões, dificuldades, potencialidades e desafios vivenciados desde o ano 2000 até muito recentemente. Esta análise subdivide-se em 3 secções: na primeira, apresentamos brevemente o processo do surgimento da Sociologia nas Universidades portuguesas e tecemos algumas considerações sobre o nosso ofício enquanto docentes, na segunda, apresentamos duas experiências pedagógicas que decorrem no mesmo contexto institucional, mas com ligeiras nuances, e, na terceira, detemo-nos na exploração de algumas atividades que podem potenciar um maior cruzamento interdisciplinar no sentido de operacionalizar, e vincar, o papel e a relevância do conhecimento sociológico

no ensino, na investigação e na intervenção profissional dos futuros arquitetos e urbanistas.

1. Breve abordagem sobre o ensino da sociologia em Portugal

A UC aqui em análise (Sociologia Urbana) já esteve posicionada em diferentes anos da formação superior em Arquitetura e Urbanismo, mas atualmente faz parte da estrutura curricular do 2º ciclo, mais concretamente em 3 especializações dos Mestrados Integrados em Arquitetura (Arquitetura, Interiores e Reabilitação do Edificado, e Urbanismo), sendo lecionada a um total de 11/12 turmas (25-35 alunos/turma) enquanto UC obrigatória. É uma UC de carácter teórico, correspondendo a 3,5 ECTS, assumindo uma carga letiva semanal de 3 horas, o que implica 42h de contacto.

A dimensão interdisciplinar desta UC é um traço marcante e fundamental de uma estrutura curricular que se pretende coerente e articulada, visando a formação de um público discente muito diversificado, com saídas profissionais localizadas em diferentes domínios e sectores do mercado de trabalho, não só nacional, mas também internacional. Neste quadro, esta UC concorre para uma formação capaz de fornecer conhecimentos e competências que intersectam múltiplas perspetivas de análise sobre os problemas e situações sócio-espaciais, assim como instrumentos metodológicos necessários para a análise e compreensão da realidade contemporânea, e para a aplicabilidade destes saberes ao projeto arquitetónico, ao projeto de reabilitação e ao projeto urbano. De realçar que se insere num Departamento (Ciências Sociais e do Território) que apresenta um carácter singular e único no atual panorama nacional em termos do ensino da Arquitetura e áreas afins.

Uma vez que, na atualidade, o papel do arquiteto é muito mais amplo do que o era no passado, pensamos que tem sido de grande relevância o contributo das ciências sociais, sobretudo o da Sociologia, para ampliar e consolidar o seu papel social e profissional, sobretudo num tempo de mudança e incerteza crescentes, de aprofundamento das desigualdades e dos problemas sociais, e de esgotamento de recursos, o que tem concitado outros e novos desafios, ambiguidades e tensões na (re)definição da identidade profissional do arquiteto.

Esta reflexão não deixa de ser tributária do caminho traçado pela Sociologia em Portugal e pelos seus percursores, nomeadamente desde a sua génese e desenvolvimento até à sua institucionalização avançada. Contudo, não se pretende fazer uma análise exaustiva deste processo, apenas relembrar de forma sucinta o papel decisivo de Adérito Sedas Nunes, que pugnou pelo seu reconhecimento. Nesse processo, e num primeiro momento, foi fundamental a constituição do GIS (Gabinete de Investigações Sociais) em 1962, de onde surgiram mais tarde importantes estudos sobre a sociedade portuguesa, e a criação da Revista *Análise Social*, na qual a partir do número 9-10, em 1965,

a Sociologia se tornou numa das disciplinas com uma maior presença¹ (Nunes, 1988, p. 35). Não foi fácil lutar pelo reconhecimento de uma disciplina que, à partida, questionava algo inquestionável numa ditadura – a organização social. Salazar, como qualquer ditador, temia a sociologia, dizendo que se tratava de um “socialismo disfarçado” ou de qualquer coisa confusa que “já no seu tempo não se sabia o que era” (Nunes, 1988, p. 37). Foi só depois de 1974 que o ISCTE, em Assembleia Geral de Escola, substituiu o nome da licenciatura de Ciências do Trabalho pelo de licenciatura em Sociologia (Nunes, 1988).

Relativamente ao segundo momento, o da difusão da Sociologia na sociedade portuguesa, Sedas Nunes adotou uma posição mais distante, mas também mais crítica. Já no final dos anos 80, este pioneiro da Sociologia portuguesa alerta-nos para dois aspetos sobre os quais vale a pena refletir: o autor refere-se à relação muito estreita em Portugal, pós-1974, entre a sociologia e o pensamento marxista, passando esta disciplina a ser “olhada” como uma “sociologia marxista”, uma disciplina mais ideológica do que científica; por outro lado, a rápida proliferação dos cursos de Sociologia no pós-25 de Abril nas Universidades que se iam criando no país mostrava, sobretudo, a facilidade e a oportunidade na sua criação num período ainda de turbulência social e económica, visto não existir uma estratégia pensada que tivesse em conta quer os recursos existentes, sobretudo ao nível do pessoal docente, quer uma definição clara da profissão de sociólogo na sociedade portuguesa (Nunes, 1988). Hoje, ainda não respondemos facilmente às duas questões que Sedas Nunes colocou: a separação clara entre ideologia e ciência na Sociologia, e o papel do sociólogo enquanto profissional em Portugal. Relativamente à primeira, o caderno n.º 9 do GIS de Sedas Nunes, *Materiais para uma Experiência Pedagógica: sobre o Problema do conhecimento das Ciências Sociais*, é um livro de referência para os professores de Sociologia que os ajuda a explicar aos estudantes como se constrói o conhecimento sociológico e o que o distingue do pensamento do senso comum e do pensamento ideológico, e, que, apesar do tempo transcorrido desde a sua publicação continua a ser um recurso que elucida de forma simples e acessível os alunos (sem formação em Sociologia) sobre a singularidade e virtualidade heurísticas das interrogações sociológicas.

Quanto à segunda questão, relativa à crescente e rápida massificação do ensino universitário em Portugal, quase nunca se discutem os problemas de fundo e os principais desafios científicos e pedagógicos que a Universidade enfrenta. A este propósito, parece-nos oportuno recordar aqui a experiência profissional relatada por Vítor Matias Ferreira nos dois primeiros anos (1972-1974) em que lecionou no ISCTE as disciplinas de Ciências do Trabalho, diferentemente do que hoje sucede, em que é cada vez mais raro o verdadeiro trabalho

¹ No artigo referido, Sedas Nunes salienta dois colaboradores fundamentais no processo longo e difícil pela institucionalização da Sociologia: Raul da Silva Pereira (secretário de Redação da Análise Social), e José Carlos Ferreira de Almeida (sociólogo).

de equipa na preparação das unidades curriculares a lecionar. Naquela altura, refere, “Discutíamos o programa, os textos de apoio e também a bibliografia complementar. (...) No final, aprendi muito com os estimulantes debates entre nós e com os diversos contributos daqueles meus colegas, em particular, devo destacar, o rigor e clareza de pensamento científico de José Madureira Pinto” (Ferreira, 2015, p. 91). Provavelmente, poucos entre nós tiveram recentemente experiências de trabalho tão estimulantes.

Em termos de inscrição histórica, e centrando-nos na relação entre a Sociologia e a Arquitetura e o Urbanismo, importa ressaltar que a aproximação institucional entre a Sociologia e a Arquitetura começou um pouco antes dos anos 60, justamente em 1957, com a criação da cadeira de Sociologia Geral nos cursos de Arquitetura das Escolas Superiores de Belas Artes de Lisboa e Porto (Machado, 2020). Neste contexto, destaca-se o papel de Adérito Sedas Nunes² no ensino da Sociologia aos estudantes de Arquitetura. Segundo Gonçalo do Canto Moniz (2011), na década de 50 começa-se a registar uma “renovação natural dos métodos de ensino, procurando formar um arquiteto-investigador com instrumentos para interpretar os problemas da sociedade, quer através das Ciências Sociais e Humanas – Antropologia, Geografia, Sociologia –, quer através das ciências puras – Matemática, Informática, Física, Química” (2011, p. 419). Por esta altura a influência da Sociologia no pensamento e na prática da Arquitetura era já saliente, principalmente na reflexão e ação de Nuno Portas. A Sociologia tinha um papel fundamental “enquanto forma de análise sistematizada das consequências da arquitetura” (Figueira, 2015, p. 81). Neste contexto, em resposta aos problemas de habitação precária que caracterizavam as principais áreas urbanas na altura e na sequência do 25 de Abril, foi criado institucionalmente, pelo Despacho de 6 de agosto 1974, o Serviço Ambulatório de Apoio Local (SAAL)³. Tratava-se de uma nova política de habitação que procurava alargar o “direito à cidade”, neste caso concreto, o “direito à centralidade” aos mais pobres, sendo de ressaltar o carácter inovador, pluridisciplinar e experimental, com efeitos na capacitação dos residentes e na qualificação dos territórios.

2 Gonçalo do Canto Moniz (2011, p. 467) refere que, na ESBAL, “para alguns alunos, como Duarte Cabral de Melo (ESBAL, 1958-1970), as aulas mais interessantes eram as de Tiago Oliveira (Faculdade de Ciências) na Geometria Descritiva, Nobre de Gusmão na História, Marieta Amélia da Silveira na Química, Luís Menezes na Matemática, Adérito Sedas Nunes na Sociologia. Entre 1957-69, Sedas Nunes e José Júlio Gonçalves lecionavam Sociologia Geral ao 2º ano (Moniz, 2011, p. 513).

3 Este projeto surge como um projeto-piloto, cujas premissas principais assentavam na “participação activa e organizada dessas populações na solução dos seus problemas habitacionais” e na “apropriação pelas camadas populares dos espaços urbanos, onde se radicavam sob forma marginal” (Pereira, 2014, p. 14). Na sua génese e implementação, foi de crucial importância o papel de Nuno Portas, tendo sido possível congregar, entre agosto de 1974 e outubro de 1976 (Bandeirinha, 2007), arquitetos, assistentes sociais, sociólogos, dinamizadores sociais e jovens que completavam o ciclo do liceu através do “Serviço Cívico” para trabalhar em conjunto com as associações de moradores na construção de novos bairros para uma população pobre, substituindo os então chamados “Bairros de lata” ou “ilhas”.

Todavia, esta aproximação interdisciplinar tornou-se mais sistemática na academia sobretudo entre os anos 80 e inícios do ano 2000, tendo-se registado por esta altura uma maior presença de UC (ou disciplinas) como a Sociologia (Urbana) e a Antropologia (do Espaço) nos cursos superiores de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da antiga Universidade Técnica de Lisboa.

Este maior reconhecimento institucional do contributo das Ciências Sociais para a formação do arquiteto deriva, em grande medida, da necessidade de ampliar o papel profissional e social do arquiteto (Mendes e Sá, 2017). Por outro lado, tal ficou igualmente a dever-se à necessidade de a atividade profissional do arquiteto ter de atender às disposições da Diretiva do Parlamento Europeu e do Conselho (2005/36/CE)⁴ quando refere, entre outros aspetos, que a formação do arquiteto deve assegurar a compreensão do seu papel na sociedade, nomeadamente, através da elaboração de projetos que tomem em consideração os fatores sociais.

2. Notas sobre o ofício de professor

Num encontro Ibérico em 2005, a escritora Hélia Correia⁵ disse que traduzir um livro era como dar água a beber a quem tem sede. Ora, lecionar tem muito que ver com este ofício da tradução, sobretudo quando entendemos a palavra no seu significado mais largo, isto é, o de atribuir o “verdadeiro sentido” às coisas. Bem sabemos que, muitas vezes, por razões diversas, os alunos estão longe de sentir essa “sede” a que a escritora se referia, mas, justamente porque tal sucede, o trabalho de tradução do professor é especialmente importante.

Na verdade, o que qualquer professor faz, especialmente da área das Ciências Sociais, no caso, a Sociologia, é sempre uma certa tradução de conceitos, conceções, pensamentos, ideias de autores considerados importantes para pensar diretamente ou indiretamente a realidade, mas também tradução ao nível do olhar (observação/caracterização e investigação) de uma situação concreta que se queira compreender. Ora, tal tarefa não é fácil. Traduzir significa, neste contexto, transmitir o que é complexo numa versão mais simples, esclarecedora, de alguma forma, reveladora. Encontrar aqui a “boa tradução” é, também, enfrentar o famoso adágio latino *traduttore, traditore*. De facto, perante a exigência de esclarecer, o professor corre o risco de *trair* a ideia a traduzir, reduzindo a sua complexidade ao sacrificar a plenitude do seu conteúdo às necessidades de uma comunicação eficaz. Isto significa que se não tornar a ideia mais redundante, mais comunicável, corre o risco de ser mal

4 A Lei n.º 9/2009, de 4 de março, transpõe, para a ordem jurídica interna, a Diretiva n.º 2005/36/CE do Parlamento e do Conselho, de 7 de setembro, relativa ao reconhecimento das qualificações profissionais.

5 Encontro Ibérico, Ágora – Debate Peninsular, Mérida, 2005.

compreendido, ou mesmo totalmente incompreendido, deixando os alunos à deriva, cada vez mais desinteressados. É, pois, tarefa do professor operar o equilíbrio entre redundância e entropia, isto é, encontrar a boa proporção entre a fidelidade aos conteúdos e a necessidade de uma comunicação eficiente. É neste sentido que as profissões de tradutor e professor se cruzam.

Sobre o trabalho docente que temos vindo a desenvolver, podemos assumir que partilhamos e procuramos materializar a perspetiva de Signorelli e Caniglia (2007), quando reafirmam a pertinência de se ensinar com a Arquitetura, ou seja, de forma conjunta e não paralelamente. Neste âmbito, o objetivo desta UC tem procurado criar um espaço de diálogo, de circulação de conhecimentos e de confrontação crítica entre diferentes saberes, o que decorre da necessidade de preparar e formar alunos para saberem observar e perceber o que veem antes de se envolverem de forma imediatista, idealista e até titubeante na elaboração de propostas projetuais.

Apesar de estarmos integradas num Departamento de Ciências Sociais (e do Território), porventura o único em Portugal em instituições similares, esta disciplina assume um carácter periférico, marginal até, na estrutura curricular destes cursos, que têm uma feição prática elevada. Verifica-se, atualmente, que as Ciências Sociais, em geral, têm vindo a perder espaço nas últimas revisões dos planos curriculares dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, o que está em linha com o que se passa em outras instituições congéneres (Egreja, 2016), sendo habitualmente estas disciplinas as primeiras a ser sacrificadas quando se pensa em comprimir, rever e atualizar planos de estudos, o que gera, obviamente, tensões e até uma certa instabilidade no modo como nos inscrevemos neste contexto institucional. As experiências pedagógicas que aqui partilhamos resultam de um percurso realizado, inicialmente de forma isolada e, passado alguns anos, em pequena equipa, tendo-se procurado refletir e debater entre nós e com alguns colegas da Arquitetura e do Urbanismo qual a melhor forma de ensinar Sociologia aos estudantes de Urbanismo e Arquitetura, mas esta é uma questão complexa e multifacetada e à qual não nos é ainda possível responder de forma exaustiva.

2.1. Experiência pedagógica 1⁶

No plano programático, e para além da apresentação geral, insiste-se na relevância da perspetiva das Ciências Sociais e, em particular, da perspetiva sociológica nas temáticas que envolvem a inter-relação sociedade e espaço. Parte-se, por um lado, de uma enunciação mais global sobre os instrumentos conceptuais das Ciências Sociais (e, principalmente, da Sociologia) como domínio científico. Especifica-se depois, por outro, como esta perspetiva, aplicada à

6 Esta parte do texto debruça-se sobre a experiência específica vivenciada por Maria Manuela Mendes.

realidade e ao mundo vivido, pode originar um olhar distante do senso-comum e mais crítico e analítico sobre as grandes transformações que se observam nos últimos anos nas sociedades contemporâneas.

Procura-se dar a conhecer a diversidade das Ciências Sociais e a sua articulação com a Arquitetura e o Urbanismo, no fundo, contribuir para a transmissão de competências mais transversais e para um pensamento reflexivo sobre o modo como a sociologia pode contribuir para o trabalho de projeto. De facto, e como refere Pedro Vieira de Almeida, “*Enquanto atividade enraizada sociologicamente, a arquitetura responde e propõe novas formulações das necessidades, comportamentos e aspirações do homem de hoje. Importa que a atividade projectual faça um esforço de domínio e enraizamento teórico no sentido de construir sínteses a partir dos dados recebidos*” (Almeida, 1964, p. 248).

Para além disso, uma das premissas passa por fornecer ferramentas conceptuais e metodológicas que facilitem a compreensão das relações entre as transformações do espaço construído e as da sociedade, as quais devem apoiar o aluno na conceção da estratégia de intervenção e do projeto, assim como na elaboração do programa, sendo indispensável a incorporação das singularidades dos lugares em análise, particularidades dos residentes e usuários, e especificidades das diversas funções. Relembre-se, a este respeito, Nuno Portas ao afirmar que “A Arquitetura começa no programa, mas o programa é um trabalho de natureza inter-disciplinar” (Portas, 1965, p. 520).

Os temas e autores selecionados dependem, em grande medida, da natureza e das questões que se colocam na atualidade aos estudantes e profissionais da Arquitetura, do Urbanismo, dos Interiores e Reabilitação. Tendo como enfoque a análise do espaço urbano enquanto *locus* de acumulação de capital e lugar de aprofundamento das contradições sociais, reequaciona-se o papel da cidade no contexto das problemáticas da globalização e da acumulação capitalista, e aborda-se a autonomização da sociedade face ao espaço. Uma das questões sucessivamente recolocada quando se fala da relação espaço e sociedade remete para a autonomia e/ou dependência da sociedade face ao espaço. Esta é uma questão que tem marcado de forma incontornável o diálogo entre a Sociologia (e outras Ciências Sociais) e a Arquitetura. A relação entre Arquitetura e vida social não é linear, nem tão pouco mecanicista ou até determinista. Rejeita-se a ideia de que há uma ligação unívoca e automática entre espaço e vida social, retomando as perspetivas de Lefebvre, Remy e Voyé, Castells entre outros (Mendes e Sá, 2017). Para além disso, procura-se problematizar o papel do arquiteto nestes contextos de mudança, nomeadamente os constrangimentos e desafios que se colocam no exercício do seu papel social e profissional.

Os objetivos de ensino passam por sensibilizar os estudantes para a necessidade de se adotar uma perspetiva relacional, que integre e conjugue as

dimensões analíticas das Ciências Sociais, em particular da Sociologia, com a componente de projeto de Arquitetura e/ou Urbanismo; fomentar a consciência e responsabilidade social do arquiteto e/ou do urbanista em todo o processo inerente ao ato projetivo, tendo em conta o contexto social, cultural, económico e político; dar a conhecer as principais dinâmicas de mudança social e a sua relevância para a elaboração de propostas e estratégias de intervenção em Arquitetura, Reabilitação e Urbanismo; saber incorporar nos projetos arquitetónicos e/ou urbanos os dados recolhidos sobre o contexto social, cultural, político e económico de intervenção, e informações coletadas junto dos atores sociais e socioinstitucionais, nomeadamente, informação referente às suas necessidades e aspirações. De forma incessante, temos tido a preocupação de fomentar a interdisciplinaridade entre a Sociologia e a Arquitetura e o Urbanismo, tendo-se optado por seguir três domínios-chave: i) a exploração e problematização teórica e a análise; ii) a discussão de casos de referência ao nível das intervenções sócio-espaciais; iii) a investigação sociológica aplicada ao Projeto nas áreas da Arquitetura, Interiores e Reabilitação e Urbanismo.

O processo de ensino-aprendizagem acionado tem envolvido a conciliação de três dimensões cruciais neste domínio: o ensino em sala de aula, o trabalho de (projeto) investigação e a orientação tutorial. Pensamos que o trabalho de projeto de investigação é o que consegue implicar mais os alunos e o que gera efeitos mais diretos na conscientização da importância do saber sociológico e da sua aplicabilidade no ato de projetar. Trata-se de uma metodologia operacionalizada, em contexto do pequeno grupo de trabalho, através de uma pesquisa centrada num determinado tema (e.g., habitação para a diversidade social, cultural e étnica; espaços públicos e espaços de exclusão; cidade, diversidade e multiculturalismo, entre outros), em problemas/questões de investigação e de projeto, em que a teoria e a prática devem ser articuladas, pressupondo o conhecimento do lugar de intervenção/análise, a mobilização de diversas fontes de informação, a utilização da observação, da conversa informal e/ou da entrevista semiestruturada. Posteriormente, impõem-se as tarefas de descrição, análise e interpretação dos resultados, assim como a elaboração do relatório de pesquisa e comunicação dos resultados. Neste trabalho, solicita-se aos alunos que cruzem os saberes da Sociologia com os temas propostos em Projeto (4º ano). Esta investigação envolve uma dimensão crucial, que se prende com a realização de trabalho de campo, o que constitui uma das componentes fundamentais do modo de avaliação praticado na UC.

Este trabalho permite aos alunos desenvolver competências ao nível da articulação teoria e prática/projeto, de responsabilidade ética e social, de comunicação e interação, de trabalho em equipa, de gestão das diferenças e das conflitualidades, de contacto com a realidade concreta. O trabalho é acompanhado e supervisionado pelo docente, que tem um papel essencial no acompanhamento teórico-metodológico em todas as fases do trabalho de pesquisa.

Mas este trabalho é também marcado por algumas dificuldades. Normalmente, os alunos com que contactamos nunca tiveram esta disciplina no ensino secundário, havendo muita resistência ao conhecimento em Ciências Sociais (Sedas Nunes, 1984). Para além da grande diversidade e quantidade de alunos por turma, acresce que, por vezes, mais de 30% são estrangeiros, e cada turma desenvolve temas muito díspares em Laboratório de Projeto⁷. Acresce, ainda, o facto de os espaços das salas de aulas não serem muito apropriados (open space e/ou com divisórias efémeras entre espaços, com mesas com estiradores, etc.) ao trabalho que se propõe fazer nestas aulas. A adesão dos alunos aos trabalhos de investigação que cruzam a Sociologia e os temas abordados em Laboratório de Projeto é notável, gerando este tipo de trabalho um forte interesse e envolvimento, não só pela oportunidade de fazerem trabalho de campo, pela mais-valia de usarem ferramentas conceptuais, mas também pela observação, inquirição e participação que facilitam o diálogo e interação com os residentes e usuários. Os alunos reconhecem, assim, que o trabalho de Projeto adquire uma densidade e profundidade que tem permitido fundamentar, teoricamente, as suas opções projetuais e programáticas⁸.

2.2. Experiências pedagógica 2⁹

O relato desta experiência pedagógica, que tem sobretudo em conta a disciplina de Sociologia Urbana¹⁰, lecionada atualmente nos mestrados integrados de Arquitetura e Urbanismo na FA, assenta em três inquietações: a) mostrar aos alunos a importância do conhecimento da Sociologia para a profissão de arquiteto-urbanista; b) conseguir um trabalho interdisciplinar com a área de Projeto, seguindo o pensamento de Signorelli e Caniglia (2007), já atrás mencionado, quando afirmam a pertinência de se ensinar com a Arquitetura; c) defender claramente a dimensão antropológica da Arquitetura.

Olhar simultaneamente o outro e nós próprios

A primeira questão que se coloca a um docente que passa por esta experiência é a de saber como motivar os alunos para uma disciplina que não corresponde

7 Os temas podem oscilar entre a análise e intervenção em zonas que carecem de reabilitação urbana e arquitetónica até bairros de génese ilegal, bairros autoproduzidos, habitação operária, intervenções em frentes de mar e/ou ribeirinhas, intervenções em zonas afetadas pela desertificação, territórios rurais, entre outros.

8 No ano letivo 2020/21, uma experiência-piloto foi levada a efeito pela coordenação do 4º ano de Arquitetura, que envolveu vários docentes e unidades curriculares. O objetivo passou por convocar unidades curriculares como Sociologia Urbana, Teoria do Lugar e outras para “informar o projeto nas fases previstas”, nomeadamente no projeto urbano para a Trafaria.

9 Esta experiência constitui o testemunho de Teresa Sá.

10 Embora o nosso enfoque se centre na disciplina de Sociologia Urbana, a nossa reflexão é extensiva a uma outra disciplina que lecionamos – a Antropologia do Espaço –, e que foi obrigatória, com uma carga horária de 1,5h/ semana (semestral), nos currículos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo entre 2005 e 2013

aos seus principais interesses. Como dizer-lhes que, para se ser um bom arquiteto ou urbanista, é importante o conhecimento que as Ciências Sociais, a Sociologia em concreto, trazem à principal disciplina destes cursos – a disciplina de Projeto. Esta questão, que já de si não é de resposta fácil, oculta ainda uma outra na medida em que não é explicitada: a do conflito existente entre os docentes da área das Ciências Sociais e os da área de Arquitetura e Urbanismo. A Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa é, neste momento, uma das raras instituições de ensino superior em Portugal que tem um Departamento de Ciências Sociais e do Território, com professores de carreira nas áreas de Geografia, Economia, Sociologia e Antropologia¹¹, o que permitiu, ao longo do tempo, estabelecer contacto com os principais atores desta escola – arquitetos e urbanistas. No entanto, o processo de aproximação não tem sido fácil. Para que este diálogo resulte, como bem sabemos, é vital olharmos, simultaneamente, o *outro* e nós *próprios*.

Ora, as dificuldades começam logo de início no plano interdisciplinar: para que tal comunicação se estabeleça é fundamental que nós, sociólogos e antropólogos, tenhamos algum conhecimento relativamente às áreas principais dos cursos em que lecionamos e, inversamente, que arquitetos e urbanistas considerem, de facto, a importância da contribuição das Ciências Sociais para o seu domínio. Se tal valência está reconhecida na Faculdade de Arquitetura com a inclusão, como dissemos, de um departamento autónomo de Ciências Sociais e nos *curricula* dos cursos, a verdade é que, na prática, ela não tem tido os resultados esperados. João Ferrão (2004), num artigo intitulado “A cidade como agitação social. Pedido de ajuda de um geógrafo aos colegas das Ciências Sociais”, coloca claramente em cima da mesa esta questão: a importância de procurarmos juntos as respostas para os problemas complexos que a cidade hoje nos coloca. Esta é uma atitude humilde, sóbria, despretensiosa, de quem reconhece, justamente, a importância do outro. Assumir esta postura é o que nos parece fundamental para se conseguir criar algo novo. É verdade que a sobrançeria vem, sobretudo, do lado de quem é mais reconhecido socialmente e tem mais poder, neste caso, o arquiteto: imaginam um arquiteto, ou urbanista, a fazer o mesmo apelo? Mas também é verdade que nós, sociólogos, ao criticarmos o trabalho do arquiteto, afirmamos que sabemos “como se deve fazer” ou “como se deveria ter feito”.

Marc Augé (2000) vai, justamente, discutir este “desencontro” entre as Ciências Sociais e a Arquitetura partindo das diferentes abordagens de cada disciplina: é o arquiteto que tem a capacidade de “fazer”, “que se expõe”, enquanto o etnólogo analisa “o que foi feito”, surgindo como a sua “consciência”. Embora sabendo este, de antemão, que há uma diferença entre o que se

11 Não podemos deixar de referir dois professores da FAUL – Clara Mendes e Fernando Caria – enquanto os verdadeiros mentores deste Departamento.

planeia e o construído, “o arquitecto não ignora que o sentido da sua obra não lhe pertence completamente” (Augé, 2000, p. 137). O papel do etnólogo é um pouco recordar-lhe isso mesmo. Trata-se de um encontro que, à partida, não pode ser fácil. A situação poderá ser muito mais mitigada se os dois estiverem juntos no ato da produção do espaço, porque aí estarão ambos implicados no processo de decisão. São ambos “culpados”.

Este trabalho a dois só pode ser feito se houver reconhecimento da importância do trabalho do *outro*, seja ele sociólogo, antropólogo, geógrafo, etc. E também só pode acontecer quando ambos partilham uma certa conceção de Arquitetura. Richard Sennett (1992) refere-se à compulsão que alguns arquitetos têm de destruir o que existe para reconstruírem algo novo. O arquiteto, enquanto artista, tem o desejo de construir o que é profundamente coerente e único: “O desejo de criar está carregado da certeza que, para criar, é preciso negar” (Sennett, 1999, p. 211). A procura da “totalidade”, da “unidade”, do “sublime”, está muito afastada do mundo real, que é “sujo”, “incompleto” e “desordenado”. Ora, é exatamente nesse mundo que a Sociologia se encontra e no qual trabalha. O percurso que a Arquitetura vai trilhar com a Sociologia ainda é um caminho secundário – “o caminho dos burros”, como diria Le Corbusier –, um caminho em que o “espaço vivido”, a vida quotidiana, o espaço público, no sentido político e social, têm um papel fundamental.

Exercício Pedagógico

Com o objetivo de ir tornando clara a importância das dimensões do espaço-vivido no âmbito do Projeto de Arquitetura e Urbano, propõe-se um pequeno exercício na primeira aula da UC de Sociologia Urbana. Tal exercício tem como finalidade chamar a atenção para o “esquecimento” que, muitas vezes, o arquiteto-urbanista comete relativamente ao espaço vivido, valorizando exclusivamente o espaço construído. Assim, é pedido aos alunos que escrevam um texto a partir da frase: “A minha rua” (uma página, no máximo). Para além deste enunciado, a única informação dada aos alunos é a de que têm completa liberdade para escrever. Na aula seguinte, os alunos são organizados de forma aleatória em grupos de quatro, solicitando a leitura dos seus textos aos colegas do grupo. Em seguida, escolhem um dos textos para ser lido em voz alta para a turma. No final de cada leitura, o professor faz um breve comentário, convocando os alunos para um debate mais alargado. Os textos escritos pelos estudantes refletem, de modo claro, a relação entre as suas experiências nas dimensões subjetivas, sociais e políticas, e o espaço construído, isto é, com os aspetos especificamente técnicos da Arquitetura e Urbanismo.

Transcrevem-se seguidamente excertos de dois textos elaborados pelos alunos:

A minha rua...

Quando confrontado com esta questão a primeira resposta que me vem à cabeça é a Rua do Caim, afinal de contas é a minha morada fiscal e foi lá que vivi os primeiros 18 anos da minha vida. Mas morando na rua da Imprensa Nacional já há 4 anos, e sendo essa a minha morada atual, não deveria ser essa a “minha rua”? Esse sentimento de posse de uma rua que ao fim e ao cabo é pública, mas que, no entanto, as pessoas chamam e sentem sua.

(...) Com isto percebo que se me referir à “minha rua” como rua onde vivo a resposta é fácil e objetiva. Mas se pensar no assunto percebo que não tenho uma “rua minha” como um nómada, ou até alguém que vive numa caravana, vagueando pelas ruas e considerando muitas delas suas, onde quer que estas sejam e quaisquer que sejam as memórias nelas criadas, funcionando a rua, então, como um depósito de memórias, deixando assim de ser eu a possuir a rua, mas sim a rua a possuir as minhas memórias.

(Aluno P.P., 4ºano, Mestrado Integrado de Urbanismo, 2019)

A minha rua

Tomando um café italiano, sento-me à janela da minha nova casa em Lisboa, na rua da Cruz dos Poiais, 61, no bairro da Bica. Mudei-me para esta cidade desconhecida, mas fascinante, há duas semanas, para esta casa há apenas 5 dias e já me sinto praticamente em casa. Tentar definir o sentimento de familiaridade que este bairro específico da cidade me dá não é uma tarefa simples, mas penso que descrever o que vejo pode ser útil para esse fim.

(...) Em contraste com a ausência de vida dentro de alguns edifícios, a maioria das ruas são povoadas de vida: quando comecei a escrever passou debaixo da minha janela um grupo de mulheres idosas carregadas com sacos de compras, mas nada cansadas, muitos visitantes de todas as idades e nacionalidades, as crianças voltam da escola sem os pais, dois sem-abrigo envolvidos numa discussão animada, um cão, dois gatos (um dos quais, creio, a dormir sob o carro estacionado aqui em frente), sem contar com os habitantes das casas vizinhas e os donos da pequena mercearia chinesa e da taberna de cozinha local parados por um tempo a conversar entre eles. (...). Pressupondo que o que escrevi até agora contém apenas as primeiras impressões precipitadas, reconheço em Lisboa, ou pelo menos em algumas ruas em que muitas vezes caminho, em particular, na rua da Cruz dos Poiais, características muito semelhantes à cidade de origem da minha família, Roccalumera, uma pequena cidade da costa leste da Sicília.

(Aluna V.C. 4º ano, Mestrado Integrado de Interiores e Reabilitação do Edificado, ERASMUS, 2014)

Com este exercício, pretende-se dar a ver aos alunos a diferença entre um discurso técnico, que lhes foi transmitido ao longo dos 4 anos de ensino, e que é fundamental para a sua formação de arquitetos-urbanistas, e a dimensão humana e política que foi, de certo modo, deixada para trás. O arquiteto projeta e constrói uma rua e não “a minha rua”, o que lhe permite, ou o “obriga” a partir de um processo de racionalização do espaço, de um espaço abstrato, e criar um novo léxico: *Nós*, em vez de Centros; *População*, em vez de Habitantes; *Zonas*, em vez de Fronteiras, etc. Com estas categorias, vão-se perdendo as dimensões social, simbólica, cultural, sensorial, afetiva, emotiva. O espaço vivido, que contém a vida quotidiana de cada um de nós, transforma-se num espaço organizado para uma vida quotidiana de todos nós.

Notas conclusivas

Em jeito de síntese, o exercício do nosso ofício tem implicado a adoção de uma “permanente atitude de reflexividade autocrítica” (Pinto, 2004, p. 26) e um apelo constante à imaginação sociológica, reconhecendo que a lecionação desta UC tem sido desafiante e que as opções tomadas parecem-nos ser as mais adequadas perante os conhecimentos e competências a adquirir pelos estudantes do Mestrado Integrado em Arquitetura, com especialização em Arquitetura, Interiores e Reabilitação e Urbanismo. Um dos principais propósitos da UC Sociologia Urbana tem consistido em levar os alunos a refletir e a ponderar sobre algumas perguntas-chave que lhes são colocadas perante e durante o ato de projetar: projetar para quem? Como? Onde? Para quê? Neste âmbito, intenta-se sensibilizar e apoiar os alunos na construção de um bom diagnóstico sócio-territorial, capaz de informar adequadamente as suas propostas e programas. Neste contexto, procura-se, em grande medida, fornecer ferramentas conceituais e metodológicas que lhes permitam aceder ao contexto social, cultural, económico e político de intervenção; ajudá-los no tratamento e interpretação de indicadores sociais, económicos, demográficos, etc., de modo a compreenderem os processos e dinâmicas de mudança e reprodução social; proporcionar métodos de observação, de inquirição e de trabalho colaborativo, de modo a que seja possível fazer-se uma leitura aprofundada e rigorosa sobre a população e sobre o território de intervenção. Os alunos devem saber escutar, observar e interpretar antes de se precipitarem na elaboração de propostas e planos.

A nosso ver, conviria preparar de forma mais sistemática os estudantes para uma didática e prática projetual experimental e interdisciplinar, sendo imprescindível o contributo da Sociologia (Mendes e Sá, 2017). É claro que as relações entre as várias disciplinas nunca são e serão neutras, pois, antes de mais, são

relações de poder, tendendo normalmente a fazer prevalecer a visão etnocêntrica de cada disciplina, ou seja, o ‘disciplinocentrismo’ (Signorelli e Caniglia, 2007). Na verdade, este tende a preponderar, sobretudo após o Processo de Bolonha.

Neste contexto, a Sociologia tem procurado criar um espaço de trabalho interdisciplinar e colaborativo, principalmente em diálogo com a UC de Projeto, permitindo aos estudantes que desenvolvam um olhar holístico em face do incremento dos níveis de complexidade do mundo¹².

Há, no entanto, ainda uma série de obstáculos a ultrapassar, obstáculos esses que foram evidenciados ao longo do texto e que devemos procurar resolver. Um dos mais determinantes relaciona-se com o número excessivo de alunos por turma em disciplinas teóricas (junção de 2 e 3 turmas, com 30 ou mais alunos), o que não corresponde ao número de alunos na UC de Laboratório de Projeto (apenas uma turma). Assume-se, habitualmente, que a Sociologia é uma UC teórica, o que torna difícil a realização de trabalhos práticos e com uma componente investigativa, em articulação com as UC de Projeto.

Neste âmbito, é preciso tornar claro que as Ciências Sociais acrescentam às dimensões que são geralmente associadas à Arquitetura – construção, utilidade e beleza – uma outra fundamental, a sua natureza antropológica. Na verdade, “a Arquitetura começa por dar um lugar, começa por construir um espaço como espaço propriamente humano” (Freitag, 2004, p. 17). É exatamente este espaço originalmente humano, no qual o *habitar* está plenamente contido, que pretendemos dar a conhecer aos alunos de Arquitetura e Urbanismo através da Sociologia. Em suma, e como bem dizia José Madureira Pinto, importa continuar a “avançar noutras direcções que igualmente se não conformem com visões restritivas e estáticas do que é a ‘utilidade’ da disciplina” (Pinto, 2004, p. 24).

Com o intuito de ampliar a importância e consolidar o lugar do conhecimento sociológico na formação superior dos arquitetos e urbanistas, parece-nos que seria importante estabelecer de forma mais formal e sistemática espaços e dispositivos de circulação e de partilha de conhecimentos, de modo a ultrapassar estas dificuldades e, até, algumas resistências com que nos temos deparado; assim sendo, à laia de conclusão e numa perspectiva pragmática, são aqui apresentadas algumas pistas para aprofundar este diálogo ao nível do ensino, investigação e intervenção:

- a. Criar experiências pedagógicas nas quais se estabeleceriam turmas experimentais cujo ensino-aprendizagem seguiria uma abordagem interdisciplinar;
- b. Organizar sessões de discussão de exercícios de Projeto em que fossem convocados, para além dos arquitetos e

¹² Esta foi uma experiência piloto levada a cabo pela coordenação do 4º ano de Arquitetura e que envolveu vários docentes e unidades curriculares. O objetivo passou por convocar unidades curriculares, como Sociologia Urbana, Teoria do Lugar e outras, de modo a “informar o projeto nas fases previstas”, nomeadamente no projeto urbano para a Trafaria.

urbanistas, docentes de outras áreas disciplinares (Tecnologias, Desenho, Ciências Sociais, etc.), nas quais se apresentaria e discutiria o “olhar” de cada uma face a aspetos relacionados com o projeto de Arquitetura e Urbanismo;

c. Construir projetos de investigação sobre temas que permitissem intersectar vários olhares e perspetivas de análise numa lógica inter, e, até mesmo, transdisciplinar;

d. Organizar colóquios, conferências e seminários sobre temas de fronteira, que cruzassem os saberes dos arquitetos, urbanistas e cientistas sociais.

Por último, registe-se que temos vindo a traçar uma trajetória de aproximação paulatina, conquanto segura, entre disciplinas que habitualmente não dialogavam entre si em contexto de ensino-aprendizagem. Concretamente, organizámos em 2011 um evento¹³ que se desdobrou em vários momentos de discussão inter e multidisciplinar, com um impacto transformador nas nossas práticas, na medida em que permitiu criar uma revista (*Revista Espaços Vividos, Espaços Construídos: estudos sobre a cidade*) e editar uma obra coletiva (Mendes et al., 2027), o que proporcionou, por um lado, aprofundar este diálogo inicial e criar uma rede de colaboração entre docentes, alunos e investigadores; e, por outro, criar um projeto editorial interdisciplinar entre académicos (da Arquitetura, Urbanismo, Design e Ciências Sociais) e não-académicos que se preocupam com a análise da relação entre espaço e sociedade, proporcionando-se a disseminação sistemática de textos científicos e pedagógicos marcados por uma grande diversidade teórica, metodológica e em termos de referenciais empíricos (nos planos nacional e internacional), o que tem possibilitado o questionamento e discussão em torno de novas e outras formas de fazer Arquitetura e fazer cidade.

Referências bibliográficas

- AUGÉ, Marc – *Fictions fin de siècle suivi de Que se passe-t-il?* Paris: Fayard, 2000. ISBN: 2213607885.
- BANDEIRINHA, José António – *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2007. ISBN: 978-972-8704-76-6.
- EGREJA, Catarina – O ensino da sociologia em cursos superiores de outras áreas de formação: a perspetiva de docentes e diretores. *Sociologia: Problemas e Práticas* [em linha]. 82 (2016), p. 125-143. [Consult. 1 jan. 2021]. Disponível em: <https://journals.openedition.org/spp/2534>. ISSN: 2182-7907.
- FERRÃO, João – A Cidade como Agitação Social. Pedido de Ajuda de um Geógrafo aos Colegas das Ciências Sociais. *Cidades, Comunidades e Territórios*. Lisboa. ISSN: 2182-3030. 8 (2004), p. 111-117.

13 Em alusão a um primeiro evento e momento, ou seja, o Seminário Arquitectura e Sociedade: espaços vividos e espaços construídos, realizado a 5 de maio de 2011, na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, replicado na Faculdade de Arquitectura do Porto, e um segundo momento, Seminário Sociedade e Arquitectura: Formação, Investigação e Projeto, que se realizou a 26 de maio de 2011, na FAUTL.

- FERREIRA, Vítor Matias – *Ao Reencontro do Tempo. Lisboa: Predicada*, 2015. ISBN: 9898803045.
- FIGUEIRA, Jorge – Nuno Portas, Hestnes Ferreira, Conceição Silva: Sobressaltos em Lisboa, anos 1960. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [em linha]. 91 (2010). p. 77-89 [Consult. 24 jan. 2021]. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/4166>. ISSN: 2182-7435.
- FREITAG, Michel – *Arquitetura e Sociedade*. Lisboa: D. Quixote, 2004. ISBN: 972-20-2746-8.
- MACHADO, F. Luís – *Sociologia em Portugal: Da pré-história à institucionalização avançada*. Porto: Edições Afrontamento, 2020. ISBN: 9789723617924.
- MENDES, Maria Manuela; SÁ, Teresa – Interdisciplinary relations between social sciences and architecture: Tensions, ambiguities and complementarities. In MENDES, Maria Manuela; SÁ, Teresa; CABRAL, João (eds.) – *Architecture and the Social Sciences. Inter and Multidisciplinary Approaches between Society and Space*. Netherlands: Springer, 2017. ISBN: 3319534769. p. 33-49.
- MENDES, Maria Manuela; SÁ, Teresa; CABRAL, João (eds.) – *Architecture and the Social Sciences. Inter and Multidisciplinary Approaches between Society and Space*. Netherlands: Springer, 2017. ISBN: 3319534769.
- MONIZ, Gonçalo Esteves de Oliveira do Canto – *Ensino Moderno da Arquitetura. A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011. Tese de Doutoramento.
- PEREIRA, Gaspar Martins – SAAL: um programa de habitação popular no processo revolucionário. *História: Revista da FLUP*. ISSN 0871-164X. 4: 1 (2014), p. 13-31.
- PINTO, José Madureira – Formação, tendências recentes e perspectivas de desenvolvimento da sociologia em Portugal. *Sociologia: Problemas e Práticas*. Lisboa. ISSN: 0873-6529. 46 (2004), p. 11-31.
- PORTAS, Nuno – As ciências humanas na renovação da formação do Arquitecto? *Análise Social*. Lisboa. ISSN: 00032573. 3: 12 (1965), p. 517-525.
- REMY, Jean; VOYÉ, Liliane – *La ville et l'urbanisation*. Paris: Duculot, 1974. ISBN: 2801100080.
- SEDAS NUNES, Adérito – Materiais para uma experiência pedagógica: Sobre o problema do conhecimento nas ciências sociais. *Análise Social*. Lisboa. ISSN: 00032573. 9: 35/36 (1972), p. 790-856.
- SEDAS NUNES, Adérito – Histórias, uma história e a História: Sobre a origem das modernas Ciências Sociais em Portugal. *Análise Social*. Lisboa. ISSN: 00032573. 24: 100 (1988), p. 11-55.
- SENNETT, Richard – *La ville à vue d'oeil*. Paris: Plon, 1992. ISBN: 2259023959.
- SIGNORELLI, Amalia; CANIGLIA, Constanza – Une expérience de didactique interdisciplinaire in progress. in VILLANOVA, Roselyne de (dir.) – *Conjuguer la Ville*. Architecture, Anthropologie, Pédagogie. Paris: L'Harmattan, 2007. ISBN: 2296038891. p. 133-147.
- VIEIRA DE ALMEIDA, Pedro – Da Utilidade Social da Arquitetura. *Análise Social*. Lisboa. ISSN: 00032573. 2: 6 (1964), p. 237-248.

- Receção: 12.06.2021

- Aprovação: 07.10.2021

